

Índice

“A verdade procura-se sempre com a ajuda dos outros” 1

“A verdade procura-se sempre com a ajuda dos outros”

María Iraburu Elizalde (Pamplona, 1964) é a reitora da Universidad de Navarra desde dezembro de 2021. Uma mulher de ciências no epicentro do claustro.

Neste *campus* verde com setenta anos de história crescem sequoias de conhecimento, abetos de diálogo perene, cedros com raízes humanísticas, abetos de ciência em rede, arbustos de esperança pelo trabalho bem feito, ciprestes de transcendência, e dezenas de espécies internacionais e multiculturais que encontraram lá um ecossistema saudável para respirar. Não é o paraíso, mas é um oásis académico atraente para muitas pessoas que enfrentam o *São Firmino* das sociedades líquidas e os pilares gasosos.

Gente de meio mundo. Dezassete faculdades e escolas entre Pamplona, San Sebastián e Madrid. 180 000 antigos alunos e muitos deles explicitam a sua *alma mater* nas suas *biografias* de Twitter com orgulho de pertença. Mais o IESE. Mais a Clínica Universidad de Navarra.

Iraburu estudou Biologia neste campo sem portas e, desde 1996, compatibiliza docência, investigação e governo. Em 2005, penetrou na cúpula desta universidade horizontal. Foi vice-reitora de Alunos e Professores, e agora faz a síntese de sinergias a partir do topo. Na sua *história clínica* académica existe uma tese, um PADE do IESE, uma estadia de pós-doutoramento no Albert Einstein College of Medicine de Nova Iorque, projetos de investigação, direção de teses de doutoramento...

O seu escritório não é um *bunker*. Chefe e *teacher*. Reitora e professora titular de Bioquímica e Biologia Molecular. Teles-

cópio e microscópio. Docentes e alunos. Presente, futuro e passado. Raízes e frutos. Capelo e bata. Comando e o prestígio de um sorriso.

Lá, as folhas caducas varrem-se. Não chove em Pamplona e esse é o primeiro título.

— Tem havido algumas reitoras nas universidades espanholas, mas o termo continua a soar a novidade.

Assim tem sido. A percentagem de reitoras na história das universidades espanholas e mundiais é mínimo. Não se trata de um défice exclusivo do meio académico. Se observarmos a fotografia dos líderes europeus, verificarmos quem dirige a banca e muitos outros setores empresariais, ou políticos, veremos que a presença da mulher é incipiente, mas não significativa.

— Talvez nos tenhamos perdido no confronto ideológico pouco construtivo entre feminismos e continuamos a deixar que o tempo vá correndo até a mulher conseguir ocupar os lugares de poder que lhe cabem.

Mais do que poder, gosto de falar de liderança. Não sei se nos distraímos ou não, porque estamos perante um fenómeno com raízes complexas. É um tema complicado, mas isso não significa que não seja interessante abordá-lo até chegar ao objetivo, que deve ser uma verdadeira corresponsabilidade para que homens e mulheres possamos estar nos cargos diretivos, pela simples razão de que a partir daí se pode influir na cultura das organizações. O talento feminino é um contributo próprio das mulheres que enriquece as estruturas sociais. Na direção e na gestão é urgente aproveitar o potencial da visão complementar entre homens e mulheres. Todos perdemos diante de um mundo com uma só cor.

— **Quando nasceu, a Universidad de Navarra tinha doze anos. Sendo de Pamplona, cresceu a seu lado. O que significa esta universidade em Navarra, em Espanha, na Europa, no mundo?**

A Universidad de Navarra teve muitas mudanças desde 1952 e, simultaneamente, continua a ser a mesma. Como bióloga, gosto de dar o exemplo dos seres vivos, que crescem e se desenvolvem. A diferença entre um pequeno embrião e um organismo adulto é espetacular, mas entre ambos há sempre uma continuidade. Nesta universidade, vê-se esse fio condutor no espírito, na mensagem, na aposta sincera para impulsionar um diálogo aberto com todos, na ânsia de refletir sobre os temas do nosso tempo, na aspiração permanente de sermos melhores, de investigar, de inovar...

Ao longo destes anos, houve uma evolução muito interessante. Por exemplo: aumentou bastante a presença de estudantes internacionais, e isso muda o nosso futuro em direções imprevisíveis. Aos quase 180 000 antigos alunos, juntar-se-ão nos próximos anos muitos vindos dos cinco continentes. À margem de intercâmbios e estadias no estrangeiro, muito mais frequentes agora do que quando fiz o meu curso, isto já está a fazer com que a experiência do estudante seja internacional e multicultural na sua própria sala de aula, o que enriquece a etapa universitária dos nossos alunos.

Temos igualmente projetos que, talvez, ninguém tenha vislumbrado quando se encetou a movimentação da universidade, como um museu de arte que trouxe ao *campus* a vanguarda artística e novas formas de docência, ou o Centro Bioma com o seu museu de ciências, que temos entre mãos. É muito encorajador ver a Universidad de Navarra a meio do jogo entre o constante e o variável, entre a alma que continua e o fator surpresa que gera este espírito de inovação ao ritmo das mudanças sociais e dos perfis das pessoas que fazem parte dela.

— **A sua carreira integra ciência, docência, investigação e governo. Façamos um exercício científico dissecando o seu currículo por camadas, embora a realidade seja o conjunto. Como se virou para a ciência?**

A ciência é a minha vocação profissional básica. Foi a minha resposta diante do fascínio pelo mundo e pela natureza. Cheguei à Bioquímica quando percebi que as moléculas dão resposta aos últimos porquês da biologia. Esse *zoom in*, essa viagem para dentro, explica a origem dos processos que se produzem nos seres vivos. Com o decorrer dos anos, fui comprovando as relações entre as lições da ciência e as lições da vida. Há pouco tempo, assisti a uma conferência da Dra. Isabel Sola na Universidad Pública de Navarra, onde falou desse paralelismo. Entre outros aspetos, destacou que, tanto na ciência, como na vida, partilhamos a necessidade de nos interrogarmos, a maturidade de assumir que as respostas, por vezes, chegam através do fracasso; a importância do trabalho em equipa, porque para tudo precisamos dos outros... Logicamente, a carreira profissional proporciona uma visão peculiar de todas as esferas do resto da vida.

— **Que aprendeu ensinando?**

Dos meus estudantes aprendo diariamente a paixão pelo conhecimento e a sua atitude de abertura perante o desconhecido. Os alunos dão-me esperança e energia, e tornam-me melhor cientista, porque me obrigam ao estudo contínuo e a estar a par do progresso do conhecimento. Ensinar também me forma como cientista, porque convida à síntese, a um olhar mais abrangente, e assim o próprio conhecimento se torna mais profundo.

— **Que tipo de responsabilidade social corporativa é a investigação?**

A investigação consegue que avance o conhecimento e isso já tem uma dimensão social. É importante levar isto em conta, embora o conhecimento pareça afastado do desenvolvimento prático. Dedicar-se a investigações não diretamente aplicáveis, pelo seu caráter humanístico ou básico, continua a ser uma aposta imprescindível, porque nunca se sabe onde vai saltar a faísca que leva ao progresso. A universidade não deve ser apenas uma mera prestadora de serviços de investigação. Uma das suas obrigações sociais consiste em olhar para os problemas e as realidades com uma visão de longo prazo, muitas vezes arriscando mais, se possível com uma ótica interdisciplinar, que é uma palavra difícil de expressar e um desafio complicado de encarar, mas a verdade é que os problemas, normalmente, são multidisciplinares. A universidade deve contribuir com uma visão 360° e, para isso, contribuem todas as vozes dos âmbitos envolvidos.

— **Como se governa com acerto uma comunidade de pessoas tão díspares?**

— O bonito e o complicado da universidade é que os cargos de governo estão nas mãos dos próprios académicos, e penso que isso é bom e deve ser preservado, porque permite que a instituição esteja orientada para as suas tarefas fundamentais: a docência e a investigação. Contamos também com uma política de algumas substituições nos cargos governativos, de modo que ninguém os ocupe por mais de nove anos. Nesta universidade, pode-se ser vice-reitor e, no dia seguinte, professor, e vice-versa. Existe uma mobilidade que se adequa a essa natureza de um governo entre pares. O reitor anterior costuma dizer que o lema "ordeno e mando" aqui não funciona porque, embora seja mais rápido, é mais empobrecedor. O modo de gerir esta universidade e a obsessão pelo trabalho em equipa podem parecer mais complicados e mais lentos, mas asseguram que se integrem muitas perspetivas na tomada de decisões, fomentando a diversidade dos estilos diretivos.

— **Nas suas primeiras intervenções públicas destacou uma palavra que tem muito a ver com a universidade: diálogo. Disse que as universidades são "lugares privilegiados de diálogo numa sociedade polarizada". Como se impulsiona o diálogo numa universidade, com as suas cátedras, os seus departamentos, as suas faixas, as suas amarras, os seus talentos, os seus egos, os seus professores apimen-**

tados, e os seus docentes queimados, os seus cada um de seu pai e de sua mãe?...

A minha primeira receita é simples, mas difícil: parar para falar. O diálogo verdadeiramente nuclear na universidade é o diálogo académico e, para isso, faz falta tempo para parar. Desde há alguns anos que desenvolvemos o *Programa Docens*, dirigido a professores jovens. A sua abordagem tem muito a ver com a autoaprendizagem, com a leitura, a reflexão, o diálogo, abrir-se às perspetivas dos outros... O diálogo académico exige parar, falar, refletir, ponderar argumentos alheios, e tentar chegar a uma síntese conjunta. Ninguém está na posse absoluta da verdade, que vai emergindo das contribuições honestas e profundas de cada um. O desafio de qualquer universidade é criar os espaços necessários para que esse diálogo seja possível. A universidade encontra-se na sociedade, não na estratosfera e, por isso, a nossa principal dificuldade também é enfrentar o ativismo e dar prioridade ao realmente importante, que é o diálogo culto com os colegas. A partir da reitoria procuramos impulsionar iniciativas que facilitem isso, mas o ideal é que o espírito deste programa se replique em todas as faculdades, em todos os departamentos.

— Como é o diálogo ciência e humanidades?

A primeira coisa é reconhecer o âmbito de cada um, entender o modo de se aproximar da realidade e até onde conduz o método de cada ciência. Mesmo nas ciências mais empíricas, há uma base filosófica: em todas elas emerge uma verdade que está por conhecer, leis – físicas, naturais... – que são objetivas e permanentes, e estes pressupostos gerais são bons pontos de apoio para se poder falar. Algumas vezes, emerge no diálogo o contributo da ciência, que tem muito a dizer, e outras, os seus limites, porque existem âmbitos nos quais não se pode dizer nada, porque ultrapassam a sua especialidade. Estarmos conscientes disto já é interessante. Em todas as casas existem paredes e tetos, que são frutos do trabalho, e janelas, que são espaços vazios onde não se vai construir, e que abrem para novas realidades. O diálogo inclui o discurso e o silêncio: os contributos e o reconhecimento dos limites das ciências experimentais, que ficam mudas quando um assunto escapa do seu âmbito.

— Como reitora, observa maior ou menor diferença entre millennials e boomers?

Para lá de reitora, tenho a experiência da sala de aula. Dou aulas desde há muitos anos e falo com os meus alunos todos os dias. A universidade é um lugar privilegiado para o diálogo entre gerações. Sim, constatamos mudanças na juventude que cada vez são mais rápidas, mas descubro muitos pontos de partida e muito campo comum para nos entendermos dialogando. É importante saber o que pensam, como veem as coisas, aproximar-se, colocar-se no lugar do outro e saber que cada pessoa é um mundo, e ainda mais numa universidade com esta variedade cultural. Um pormenor que os jovens muito agradecem é partilhar com eles a experiência de vida própria. De qualquer maneira, os *boomers* estão conscientes de que as barreiras entre gerações sempre existiram. Gosto muito dos

textos da Antiguidade a sublinhar que os jovens “não são o que eram antes”, e esses temas de cada época, porque temos vindo a dizer o mesmo desde há mais de dois mil anos.

— Como imagina o diálogo ideal entre universidade, cultura e sociedade?

Com a pandemia e com a guerra na Ucrânia estamos a ver que a sociedade nos pede especialistas que possam explicar e contextualizar os problemas, e essa é uma contribuição social extremamente clara, porque aí se expressa a fiabilidade da investigação, que é um grande contributo social, em especial num meio que tem vindo a crescer de notícias falsas. Para isso, necessitamos de comunicar bem a ciência. Neste sentido, é de destacar a iniciativa “The Conversation”, que está a fazer um grande trabalho de divulgação. Aproximar os especialistas da rua é uma prioridade crescente. No âmbito cultural há muitos campos comuns para o diálogo polifónico. No nosso caso, o museu converteu-se numa plataforma idónea de interação entre cidadãos, universidade e cultura. A partir daqui também organizamos atividades de divulgação científica que nos aproximam da cidade, porque estamos conscientes de que a investigação necessita de apoio social. O progresso científico interpela-nos a todos.

— Como falam a audácia do conhecimento e a constatação da iminente precariedade laboral na mente de um estudante?

A precariedade laboral é uma ameaça e a melhor maneira de enfrentá-la é uma educação que incida nos âmbitos intelectuais, no espírito crítico e na iniciativa do estudante. Daí surgirão as ferramentas para enfrentar um panorama difuso. Os conhecimentos tecnológicos são os que mais mudam, mas também são os mais fáceis de adquirir. O difícil é conseguir discernir o que é relevante diante do aluvião de dados, que questione os critérios de atuação de uma empresa, ou que use a criatividade para encontrar alternativas que talvez ninguém havia imaginado antes. Uma educação universitária sólida do ponto de vista humanístico está a qualificar os jovens para um mundo cheio de incertezas.

— Quais são as chaves para um diálogo construtivo entre mulheres e homens?

Nesse âmbito não considero que falte diálogo. Urgente é uma maior presença das mulheres em cargos relevantes. Quando lá estiverem, irão dialogar. Esta sociedade necessita que o talento feminino esteja mais presente em todos os níveis, igualmente na esfera intelectual.

— Observam-se muitas pontes sobre a mesa quando a ideologia e a política saem das salas de aula.

A política tem o seu âmbito lícito de aplicação específica de soluções. As ideologias não se enquadram bem na universidade, pois são sistemas fechados de ideias que tentam uma explicação absoluta de tudo, dificultando o diálogo. A universidade é chamada a ser um espaço de liberdade intelectual. Aqui

devemos poder falar de tudo e com todos, com abertura e respeito. As possíveis contradições de opiniões muitas vezes resolvem-se com abordagens a transcender as subjetividades.

— Talvez algumas pessoas pensem: como é que não há ideologia numa universidade dirigida pelo Opus Dei?

A Universidad de Navarra é dirigida por quem tem essa responsabilidade. Mas a propósito da pergunta, convém ter presente que o cristianismo não é uma ideologia. Há duas características do cristianismo que o tornam especialmente apto para estar presente de modo enriquecedor nas universidades. Em primeiro lugar, o respeito pela dignidade das pessoas e, portanto, pela sua liberdade. Nesta universidade, qualquer pessoa é aceite, respeitada e acolhida com autenticidade. Outra característica do cristianismo essencial para a universidade é a sua racionalidade. O cristianismo não apresenta soluções concretas para os problemas e, por isso, não é política. Tão-pouco é ideologia, porque aquilo que oferece são razões de fundo que propõem linhas para a atuação e luzes para a consciência.

— Acha que a opinião pública sobre o Opus Dei em Espanha depende bastante da opinião pública que tiver a Universidad de Navarra?

Não sei. Penso que ainda há muita gente que não conhece a Universidad de Navarra, ou que a conhece como era há bastantes anos. Considero que vir cá e conhecê-la de perto é o melhor modo de contactar a sua realidade e uma forma de explicar o Opus Dei. Estamos sempre com as portas abertas.

A Universidad de Navarra foi fundada diretamente por São Josemaría Escrivá de Balaguer e consideramos as suas origens como o seu tesouro mais valioso e como uma fonte constante de inspiração. São Josemaría insistia muito no facto do Opus Dei não ser contra nada, nem contra ninguém. As pessoas que fazem parte da Obra, como cristãos que são, devem ser capazes de andar de braço dado com todos. Esse horizonte enquadra-se perfeitamente com o trabalho universitário, mas nesta universidade reforça-se ainda mais a ideia do diálogo sincero, porque é uma obra corporativa do Opus Dei.

— Qual é a sua proposta para um diálogo sincero entre cristianismo e a rua do século XXI?

Parece-me fundamental a sinceridade. Num contexto onde o cristianismo já é minoritário, temos de ser capazes de dialogar, cada um, em pessoa, com a intenção honesta de dar os nossos contributos e deixar-nos enriquecer com os de outros tendo como objetivo o bem comum. O cristianismo é, por natureza, plural e aberto a todo o tipo de pessoas. É o que permite à nossa universidade dialogar e colaborar com inúmeras mulheres e homens que podem partilhar os nossos valores, ou pelo menos uma parte deles, sem terem fé.

A. S. L.